

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



ESCREVIVÊNCIAS E SUBJETIVAÇÃO DO SER-DOCENTE NEGRO: PRÁTICAS EDUCATIVAS E ANCESTRALIDADE EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAIS DE SANTA CRUZ DO SUL

Jonas Daniel Pereira

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo Temático 02: Diversidade, inclusão, interseccionalidades e Educação

Esta pesquisa tem como objetivo discutir os processos de subjetivação do ser-docente negro em espaços não formais de educação, analisando-se os diferentes discursos que constituem o ser-docente e suas práticas de ensino nos espaços não escolarizados de Santa Cruz do Sul. Com esse propósito, almejo desenvolver uma perspectiva analítica que considere os saberes populares e a ancestralidade como elementos constituintes da rede que conforma esses sujeitos como educadores. A partir disso, busco subsídios na filosofia de matriz africana, em especial nos conceitos de afroperspectivismo (NOGUERA, 2011) e afrocentricidade (ASANTE, 2016), para desenvolver um arranjo analítico capaz de reconhecer outros atravessamentos da ideia de ancestralidade.

Para tanto, tomo a escrevivência, conceito de Conceição Evaristo, como potência para a produção de uma escrita que retome minhas memórias, que também se constitui como um docente negro em um espaço não-formal, em conjunto com as narrativas produzidas junto a outros educadores negros. Desse modo, enquanto filho de uma mulher negra que dedicou alguns anos de sua vida à alfabetização de jovens e adultos, em uma região periférica da cidade de Santa Cruz do Sul, relaciono minhas memórias com as experiências do ser-docente nos espaços não formais de educação.

Para a produção de dados, estão sendo realizadas entrevistas narrativas com docentes negros atuantes em espaços de educação não formais de Santa Cruz do Sul, como projetos sociais, clubes e coletivos culturais. Além disso, o diário de campo se constitui como uma estratégia importante, articulando memórias pessoais e observações das práticas pedagógicas. Assim, as escrevivências, materializadas em cartas e relatos autorais, servem como corpo de análise, permitindo compreender os modos pelos quais a ancestralidade e a experiência enquanto ser-docente são produzidas nos espaços não-formais de educação.

Considero que, além do ingresso em um curso de pós-graduação, a escolha pelo tema de pesquisa também é atravessada pelo exercício da memória. A partir deste ponto, realizo um breve exercício de escrevivência, tomando minha própria trajetória como parte do movimento de construção teórico-metodológica que sustenta esta investigação:

Lembro-me de que, na infância, minha mãe me levava junto para seminários e palestras que aconteciam no campus da universidade que hoje faço parte, a Universidade de Santa Cruz do Sul. Muitos desses encontros tratavam sobre temáticas raciais e sociais que, desde cedo, me fizeram entender como as mazelas sociais operavam. A formação de minha mãe era até o Ensino Médio, mas sua vontade de se envolver com movimentos sociais e sindicais era tamanha que isso não a impediu de frequentar os debates de forma participativa, atuando muitas vezes como participante ativa de encontros e palestras sobre política e racialidade.

Como muitas mães solo, negras e originárias de regiões periféricas, minha mãe compartilhava a visão de que a educação é a principal ferramenta para a mudança do status social ou para o acesso a outras perspectivas de mundo. Essa vontade de proporcionar uma vida melhor para os filhos, por meio do estudo, reflete um anseio comum: a esperança de que a educação seja o fator de mudança que permita não apenas a ascensão social, mas também a emancipação individual e coletiva no âmbito familiar. Um tipo de fuga da realidade que atinge muitas famílias negras brasileiras, sem acesso à 'boa' educação, transporte de qualidade e alimentação digna.

Mesmo não tendo formação acadêmica, minha mãe entendia que participar de debates, seminários e palestras do círculo acadêmico era de extrema importância para a comunidade e, também, para o seu crescimento intelectual, algo que ela buscava incessantemente devido à sua formação tardia no ensino médio. Sua busca por conhecimento, me colocava em todas as oportunidades possíveis de escuta, visto que era filho de mãe solo e não teria com quem ficar. Lembro-me de que, ao final do dia, quando havia palestra ou encontro no campus, esperávamos o ônibus para sair da zona sul da cidade e partir para a zona norte, onde se encontrava a universidade.

Nesse sentido, utilizo do conceito como metodologia de análise e também como escolha política coletiva. Como nos aponta Evaristo (2020), a escrituridade surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Nesta prática, o agente, como sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. Quando utilizo deste conceito para narrar minha trajetória enquanto filho de mãe solo, faxineira e ser-docente não falo somente sobre o indivíduo que sou, mas também sobre indivíduos que têm histórias semelhantes à minha e de minha mãe.

A graduação de um jovem negro que ingressa em um programa de pós-graduação representa uma conquista que transcende o indivíduo, especialmente quando usamos o conceito de escrituridades que abarca a trajetória afrodiaspórica para refletir sobre o processo de colonização no Brasil. Essa relação me conecta profundamente às trajetórias do ser-docente, especialmente ao considerar que as estatísticas e a história da população negra frequentemente revelam narrativas de exclusão e marginalização. Asante (2016, p. 10) “sustenta que [a]fricanos foram expulsos ou arrancados de seus próprios lugares de sujeitos na história pelas políticas europeias de escravização e colonização”.

Com o incentivo de minha mãe, consegui me formar no ensino médio em uma escola particular de Santa Cruz do Sul, onde era bolsista. Em meio às dificuldades de morar distante da insti-

tuição, não ter a mesma estrutura que meus colegas tinham (computadores, celulares, carro) consegui me formar com êxito. A partir da formatura, houve um intervalo de seis anos até me matricular no curso de educação física de uma instituição da mesma cidade. Sempre busquei entender como poderia entender e associar o esporte com as questões sociais que me atravessam como sujeito. Nesse período dividia meus dias entre a graduação, dar aulas de boxe durante algumas horas do dia e trabalhar durante a madrugada como recepcionista e manobrista em um hotel localizado no centro da cidade.

Para enfrentar esse período, me tornei muito consciente dos aprendizados que a prática do boxe me traria, essa analogia entre cair e levantar sempre me pareceu muito interessante pois, para enfrentar a vida com mais vivacidade, era preciso superar certos obstáculos como superava dentro do esporte, ser derrubado e levantar para seguir sempre se assemelhou com as dinâmicas do dia-a-dia, onde era preciso pensar de forma rápida para resolver certas questões, se esquivar de problemas e até mesmo contra-atacar para firmar sua posição no ambiente de trabalho.

Os espaços não formais em que o ser-docente atua ou atuou são aqueles onde acontecem projetos que atendem crianças e jovens em idade escolar (ou não) e em turno oposto ao da escola, onde também busco narrar as trajetórias de sujeitos negros na produção de educação nesses espaços não formais. Esses espaços não formais de educação se relacionam com minha trajetória de infância, quando acompanhava minha mãe como professora para jovens e adultos, em sua maioria analfabetos. No início dos anos 2000, vigorava uma iniciativa do governo federal chamada MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), que consistia em transformar sujeitos que não participavam do campo acadêmico em docentes para alfabetizar pessoas em idade não-escolar.

Para além de relacionar o conceito de escrevivências com minha trajetória e memórias, a partir do conceito de afrocentricidade procuro também formular um pensamento que questiona como são vistos os ofícios e os saberes deste ser-docente. “Conceito que se apresenta como uma ideia intelectual, a afrocentricidade também se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é capaz de criar outras formas de conhecimentos, baseadas no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno” (Asante, 2016, p. 11).

Outro conceito importante é o de afroperspectivismo que, segundo Noguera (2012), tem um sentido simples, isto é, o conjunto de pontos de vista, estratégias, sistemas e modos de pensar e viver de matrizes africanas. O conceito aborda teoricamente a compreensão das dinâmicas sociais, históricas e culturais a partir de uma ótica que prioriza a experiência e a agência de sujeitos negros. Diferente de um discurso essencialista ou de uma visão homogênea da identidade negra, o afroperspectivismo reforça a multiplicidade de experiências afrodiaspóricas, reconhecendo que cada contexto tem sua especificidade.

Nesta etapa da investigação, as cartas autorais, inicialmente previstas, foram substituídas pelo uso de gravações de voz, entendidas como extensão da oralidade ancestral e como suporte metodológico que valoriza o corpo e a voz do sujeito pesquisado. As gravações permitem capturar

aspectos afetivos, gestuais e discursivos que se perdem na transcrição escrita, possibilitando uma análise mais densa das expressões do ser-docente.

Até o presente momento, foram realizados três encontros com um ser-docente negro, artista plástico e ativista da arte urbana contemporânea, cuja atuação em espaços não formais de Santa Cruz do Sul expressa uma prática educativa comprometida com a valorização da negritude e da arte periférica. As observações em campo e os registros de áudio têm sido essenciais para compreender como sua experiência docente se constitui como um ato de resistência estética e política, articulando arte e ancestralidade na formação de jovens e crianças atendidos no contra turno escolar.

Os dados produzidos até agora indicam que o ser-docente pesquisado constrói sua ação educativa a partir de uma perspectiva afrocentrada, ressignificando o espaço não formal como ferramenta de aprendizagem. Sua atuação, marcada por murais, grafites e oficinas de arte, integra o ensino e a intervenção social, promovendo o reconhecimento da identidade negra e o enfrentamento das violências simbólicas que atravessam a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Escrivências; Afrocentricidade; Educação.

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. **Ensaio Filosófico**, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. **A escriturização e seus subtextos**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, v. 1, p. 26-46, 2020.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 3, n. 6, p. 147-150, 2012.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot: revista de filosofia**, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011.

RODRIGUES, Luciana. Negra de pele clara: embranquecimento e afirmação da negritude no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, 13 p., 2022.